

INFORMATIVO

Publicação da
Associação Brasileira
do Agronegócio

abag



EDIÇÃO ESPECIAL

nº 81 – Ano 11 – Jul – Ago/2012



11º Congresso Brasileiro do Agronegócio



Os desafios e as oportunidades do agronegócio para suprir o mundo com alimento e energia

Falta uma estratégia coordenada, envolvendo o setor privado, as lideranças políticas e os vários níveis de governos para que o agronegócio brasileiro ocupe mais espaço no cenário internacional, seja no fornecimento de alimentos, seja no desenvolvimento e produção de bioenergia. Esta foi a principal conclusão tirada do 11º Congresso Brasileiro do Agronegócio (CBA), promovido pela Abag, no último dia 6 de agosto, em São Paulo. O evento contou com a presença de 600 pessoas entre lideranças setoriais, empresários, produtores e políticos, além de ter sido acompanhado por cerca de 10 mil pessoas pela internet.

“O agronegócio precisa entrar na agenda do governo para que gargalos como a falta de infraestrutura e logística, um dos maiores entraves ao seu crescimento, sejam considerados prioritários pelas políticas públicas”, disse Caio Carvalho, presidente da Abag, no encerramento do evento. “Sem isso, o setor não assumirá a liderança mundial para a qual já comprovou competência, mas na dependência de oportunidades episódicas como da atual quebra de safra de

milho nos Estados Unidos”, acrescentou o presidente.

Na avaliação do ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, o País deveria ter uma ação coordenada para tirar o máximo proveito desse episódio do milho. “Aqui teria de haver uma negociação ampla, conduzida por várias instâncias de governo para não vender só milho, mas também incluir num grande acordo para carne suína, de frango, produtos lácteos e também suco de laranja”, diz Rodrigues, que coordenou o painel “Políticas Públicas e o Brasil Ofertante de Alimentos e Energia”.

Em relação à queixa recorrente dos empresários do setor na questão da falta de infraestrutura para logística, o ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Mendes Ribeiro Filho, afirmou durante a abertura do Congresso, que está próximo de se equalizar esse problema com o lançamento do Plano de Investimentos em logística, anunciado pela Presidente Dilma Rousseff. O plano é um conjunto de medidas voltado diretamente para a melhoria da infraestrutura de ferrovias e hidrovias.





Solenidade de abertura

Participaram da abertura do 11º CBA o Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Mendes Ribeiro Filho; a Secretária da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, Mônica Bergamaschi, representado o Governador Geraldo Alckmin; o Presidente da Câmara dos Deputados do Estado de São Paulo, Barros Munhoz; o Presidente do BNDES, Luciano Coutinho; o Presidente da Comissão de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e Desenvolvimento Rural da Câmara dos Deputados, Raimundo Gomes de Matos; o Presidente da Frente Parlamentar da Agropecuária, Homero Pereira; o Secretário de Extrativismo e Desenvolvimento Rural Sustentável do Ministério do Meio Ambiente, Paulo Cabral, representado a Ministra Izabella Teixeira; o Embaixador Affonso Massot, representando o Ministro de Relações Exteriores Antonio Patriota e o Presidente da Abag, Luiz Carlos Corrêa Carvalho.



Mendes Ribeiro Filho
Ministro da Agricultura

Queremos o Brasil cada vez maior, com mais desafio. O Código Florestal não criará nenhuma cizânia entre os deputados federais, como os presentes neste Congresso. Tenho alegria de estar aqui e discutir esse assunto apaixonante: a agricultura brasileira. Sonha baixo quem sonha com aquilo que pensa não ser possível.



**Luiz Carlos
Corrêa Carvalho
(Caio)**
Presidente da Abag

Nos últimos anos, a Abag realiza os seus congressos na busca de avaliar políticas públicas e ações privadas nas cadeias produtivas do agronegócio. Criada na iluminada visão de Ney Bittencourt, a Abag tem a missão de lutar pelo equilíbrio dos elos que compõem as várias cadeias produtivas do agronegócio, base dos resultados positivos da balança comercial brasileira. No século XX, as instituições internacionais mostraram grande preocupação com as questões da fome e das inseguranças de suprimentos de energia. O século XXI elegerá com mais força medidas voltadas a responder as preocupações iniciadas no século passado. Diante da evidência de que a sobrevivência da raça humana passa pela efetivação de medidas de sustentabilidade, seja na produção, no uso e nas atitudes do dia a dia das pessoas.

A lógica das previsões e das necessidades de produção de alimentos e de energia renovável nos remete ao que Ignacy Sachs chamou de civilização moderna dos trópicos, face o tripé: biomassa, biodiversidade e biotecnologia. Essa condição faz o Brasil a grande esperança de resposta do século XXI. Para isso, no entanto, é preciso ter visão estratégica, e não apenas uma visão tática.

PALESTRA

BNDES otimista com o agronegócio brasileiro

Na palestra de abertura do 11º CBA, o presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Luciano Coutinho, avaliou o cenário do agronegócio brasileiro como bastante promissor. Segundo ele, em função de um mercado interno forte, dinâmico e com grande expansão nos últimos anos, o Brasil tende a não sofrer tanto as consequências de uma conjuntura internacional adversa, marcada por desaceleração na China, estagnação na Europa e recuperação lenta da economia americana.

“O Brasil é um dos poucos Países no mundo cuja renda dos mais pobres cresceu acima da parcela mais rica da população”, lembra Coutinho. Segundo ele, nos últimos anos a renda dos 20% mais pobre teve crescimento de 6,6%, enquanto a dos 20% mais rico crescia apenas 1,8%. “Isso explica o fato de, nos últimos cinco anos, o consumo das famílias só não ter aumentado em dois trimestres”, comenta.

Para Coutinho, boa parte dessa situação favorável da economia brasileira, mesmo com um cenário externo negativo, se deve ao agronegócio. “O setor, que hoje representa 22,1% do PIB, tem sido o grande esteio da estabilidade econômica brasileira. É ele que tem conseguido suprir a oferta de alimentos para uma sociedade cada vez mais urbana, sem isso representar pressão inflacionária. O agronegócio também garante um superávit comercial para assegurar um nível de reservas internacionais importantes para blindar a economia contra as crises internacionais”, conclui o presidente do BNDES.

Luciano Coutinho também falou das liberações de recursos para financiar projetos do Programa ABC (Agricultura de Baixo Carbono), que tiveram um crescimento de 199% no período de julho de 2011 a maio de 2012. O volume de recursos saltou de R\$ 368 milhões para R\$ 1,1 bilhão, em dois anos. Além dos recursos para o Programa ABC houve aumento expressivo também em outras linhas de crédito. Segundo Coutinho, os financiamentos para o Moderagro – Programa de Modernização da Agricultura e Conservação de Recursos Naturais saltou de R\$ 289 milhões de julho de 2010 a maio de 2011, para um nível de R\$ 452 milhões no período de julho de 2011 a maio deste ano, um crescimento de 56,4%.

“O aumento nos recursos liberados pelo banco representa a confirmação do apoio e do compromisso do BNDES com o agronegócio brasileiro”, comentou o presidente da instituição financeira. Coutinho também destacou o esforço do BNDES para concentrar recursos no financiamento voltado à tecnologia aplicada na área rural. “O caso específico do etanol, requer um esforço grande no sentido de investir em P&D, inovação e aumento da produtividade. Temos de caminhar em direção do etanol de terceira geração”, comentou Coutinho.



Luciano Coutinho, presidente do BNDES
faz palestra de abertura do 11º CBA



Carlo Lovatelli
Presidente da Associação
Brasileira das Indústrias de
Óleos Vegetais – Abiove
Coordenador

O Brasil consegue mostrar para o mundo a possibilidade de conciliar desenvolvimento agrícola com proteção ambiental: 62% do território nacional é coberto com vegetação nativa. O País pode expandir a sua produção agrícola sem desflorestar, pela recuperação de 100 milhões de hectares de terras degradadas.

Em 2013, muito provavelmente, o Brasil será o primeiro produtor mundial de soja, acima dos Estados Unidos. Décimo País no investimento de energia limpa em 2011, com aplicação de US\$ 8 bilhões, é líder em capacidade instalada para a geração de energia a partir de biomassa. Precisamos de mais eficiência na infraestrutura, com hidrovias e ferrovias para escoar a produção do centro do País para os portos; planejamento integrado de logística e transportes; simplificação do sistema tributário e isonomia com as vantagens auferidas pelos principais competidores do Brasil.

PAINEL 1

Brasil como ofertante de alimentos. O que será essencial?



André Dias
Presidente da Monsanto
Debatedor

Não existe conflito entre meio ambiente e agricultura. Existe confusão e falta de informação. Temos parceria com uma Organização Não Governamental conhecida na área de conservação internacional, para melhorar as práticas em algumas regiões do País. A solução é política no sentido mais amplo, de trazer os vários agentes (comunidade, empresa e academia) a fim de encontrar as soluções para o binômio da produção e a conservação ambiental.



**Joaquim Libânio
Ferreira Leite**
Superintendente
comercial da Cooxupé
Debatedor

No caso do café, uma das chaves do crescimento da oferta e da demanda, está na estratégia sustentável. Fazemos contratos diretos com a grande indústria para produzir dentro de padrões sociais, ambientais e econômicos, com prêmios e agregação de valor ao produto. Com isso, criamos um ciclo virtuoso de produção.



William Waack
Jornalista
Coordenador

Há uma série de manchetes sobre a grave crise de alimentação para os próximos 20 anos. Segundo os analistas, não se trata apenas das questões conjunturais, tais como a espantosa seca nos Estados Unidos. É sim uma tendência internacional. As pessoas começaram a consumir o que não consumiam. É possível atender esse crescimento exponencial da humanidade para comer carne? É uma oportunidade que se abre para o Brasil?



Ivan Wedekin
Diretor de commodities da
BM&FBOVESPA
Debatedor

Se quisermos competitividade da oferta, dependemos de mais tecnologia. Precisamos ter menos custos na produção. Temos ainda a desoneração tributária, infraestrutura e logística, pois trabalhamos com mercadorias de valor agregado relativamente baixo. Outro ponto é o custo de oportunidade do capital. Como financiaremos essa expansão da produção agropecuária no Brasil e no mundo? O agricultor brasileiro não tem sócio, mas para crescer e ter acesso ao capital é preciso ter sócios.



Werner Grau Neto
Presidente do conselho
da The Nature
Conservancy – TNC
Debatedor

Precisamos passar por uma revisão. Fazer o estado brasileiro ser o chamado estado regulador pelo estímulo, de acordo com professor Cantilho, constituinte português. Quebrar as consequências da vinda de D. João VI para cá, com o estilo patrimonialista, burocrático e incapaz de reduzir o tamanho do estado. Essa visão é quase utópica, mas viável. Vários estudos demonstram isso e colocam a questão noutra perspectiva.

PAINEL 2

Brasil como ofertante de energia. O que será essencial?



Roel Collier
Vice-presidente da Amyris
Debatedor

Devemos olhar um pouco mais a frente, porque existem as questões temporárias. Para se tornar competitivo como ofertante de energia no futuro, o Brasil não pode ficar atrás nos combustíveis de segunda e de terceira geração. Devemos olhar como utilizaremos a biomassa não só a cana-de-açúcar. A pergunta é como o setor canavieiro associará uma série de outras biomassas que dominará o mundo? A cana-de-açúcar, valorizará a biomassa e permitirá produzir outros produtos.



André Müller Carioba
Vice-presidente da AGCO
na América do Sul
Debatedor

O Brasil sofre com teto nos preços administrados para a gasolina. O mundo canavieiro precisa de um apoio político de longo prazo, porque os investimentos são altamente pesados. É importante fomentar um pouco mais o consumo do etanol no País. A cana tem ainda muito espaço para crescer, tanto em áreas como em produtividade. Como fabricantes de maquinário agrícola, continuaremos a oferecer motorizações aptas para consumir biocombustível. Temos de converter o etanol em uma posição mais competitiva.



William Waack
Jornalista
Coordenador

O tipo de sociedade que desenvolvemos é inimaginável sem um alto consumo de energia. De onde ela sairá é a questão fundamental. Podemos dar uma extraordinária lição ao mundo. Durante a Rio+20, as pessoas repetiam: “Poucos Países ou, talvez, apenas o Brasil seja capaz de oferecer ao mundo uma matriz energética limpa, necessária para o mundo sustentável”.



Maurício Tolmasquim
Presidente da
Empresa de Pesquisa
Energética (EPE)
Debatedor

Depois do Proálcool, o álcool ficou competitivo com a gasolina, praticamente, sem subsídios. Comemorávamos isso. O ano da crise – 2008 - pode ser o marco dessa nova mudança. O setor alcooleiro estava altamente endividado, com planos de investimento de expansão, compra e execução de plantas. Além disso, teve o aumento do custo de produção e a mecanização das lavouras derrubou a produtividade por uma série de questões técnicas. O clima também jogou contra. Aumentar o preço da gasolina pode resolver o problema conjuntural, mas não o estrutural.



Marcos Lutz
Presidente da Cosan
Debatedor

Os grandes custos agrícolas são terra, que encareceu muito no País, com reflexo no arrendamento da terra, os insumos, com inflação bastante grande e a mão de obra, também mais cara por unidade. Paralelamente, no Brasil, assistimos uma política mais clara de redução do preço do combustível. A gasolina ficou abaixo do preço internacional, com certo subsídio estrutural. Na bomba, isso deixou o álcool mais caro do que a gasolina.

PAINEL 3

Seguranças Alimentar e Energética, Limitações e Políticas Possíveis – Principais Ofertantes



James Fry
Presidente da LMC
International
Palestrante

Colocaremos em perspectiva como o comportamento dos preços agrícolas foi alterado pelos biocombustíveis, principalmente depois de 2007. Assistimos uma relação de preço entre as matérias-primas de biocombustíveis, com a exceção de açúcar com o petróleo. A sojicultura compete em áreas com o milho, principalmente nos Estados Unidos. Se uma das culturas se torna rentável, a outra acompanha. Os movimentos ficaram mais correlacionados para milho, trigo e óleos vegetais, em relação ao preço do petróleo no mercado mundial.



Ricardo Mussa
Presidente da Radar
Debatedor

O Brasil está diante de uma oportunidade, seja pelo preço do petróleo ou a seca nos Estados Unidos, o País precisa ter políticas para aproveitá-la. Nos últimos anos, muitas oportunidades foram perdidas por falta de uma boa política. Um exemplo disso é questão de terra para estrangeiro. Há três anos, assim que saiu o parecer da AGU, o ministro da agricultura da Rússia disse em um evento nos EUA para mais de 700 pessoas: “Diferente do Brasil, a Rússia está aqui para abrir a porta para o investimento estrangeiro”.



Mônica Bergamaschi
Secretária da Agricultura
e Abastecimento do
Estado de São Paulo
Coordenadora

Estamos cansados de ouvir “o Brasil é o País do futuro”. Esse futuro parece ter chegado. Temos terra, água, gente, tecnologia e demanda, mas nossa situação, pelo menos de curto prazo, está longe de ser das mais confortáveis. Parafraseando John Keynes, economista britânico, que diz: “No longo prazo todos estaremos mortos”. O que fazer, agora, para melhorar isso?



Márcio Lopes de Freitas
Presidente da Organização
das Cooperativas
Brasileiras – OCB
Debatedor

Essa falta de estratégia, que não dá para esconder, certamente não cairá do céu. Na agricultura brasileira trabalha menos de 10% da população. O impacto de influência do setor é esse. Precisamos desenvolver organização para traçar metas do ponto de vista econômico e ter representação política forte. Em vez de agir, governos reagem de acordo com a sua capacidade de impacto e influência.



Christian Lohbauer
Presidente da CitrusBR
Debatedor

Talvez seja uma novidade essa relação que se estabelece entre as commodities e o petróleo. O setor que represento tem algumas crises de compreensão sobre o que é oferta e demanda. Na medida em que a procura e a perfuração aumentarem, vamos ter, em algum momento, um excesso de oferta, e cairão todos juntos. A falta de um planejamento estratégico para o Brasil dificulta enormemente o desenvolvimento do etanol, em função da manutenção do preço da gasolina, o que, é um reflexo de interferência política, com efeitos danosos para um setor absolutamente essencial para o País. O problema brasileiro é muito mais político do que econômico.

PAINEL 4 – Políticas Públicas e Brasil Ofertante de Alimentos e de Energia



José Goldemberg
Professor da USP e
ex-ministro da Educação
Debatedor

Ao longo de 10 mil anos, foram derrubados 700 milhões de hectares de florestas. Alguns ambientalistas querem preservar tudo. A questão da reserva legal (RL) é um número cabalístico. Em São Paulo, toda área de cana foi cultivada numa época em que o governo encorajava o plantio e agora cobrar como ilegal uma ação que, na ocasião, era legal. Há 30 anos, produzir um litro de etanol custava três vezes mais do que um litro de gasolina. Hoje sofre, porque a Petrobras mantém o preço da gasolina fixado artificialmente. O governo encoraja a iniciativa privada a ter um programa desse vulto, por outro mantém o preço da gasolina desde 2007.



Arlindo de Azevedo Moura
Presidente da SLC
Debatedor

Sofremos preconceito quando decidimos abrir o capital, em 2006, e fomos percorrer os mercados do mundo. O que a gente ouvia era que o Brasil não permitia que grandes produtores tivessem sucesso. Não esmorecemos e na próxima safra vamos plantar 284 mil hectares, e o nosso plano de crescimento é de 700 mil hectares. Possivelmente, o Brasil terá que crescer, nos próximos dez anos, pelo menos, 40% da sua produção para atender às demandas do mundo e temo que não estejamos preparados para isso. Temos problemas de infraestrutura, de logística, de falta de financiamento, e tudo isso dificulta o nosso trabalho.



Jacyr Costa
Presidente da Guarani
Debatedor

A Guarani é controlada por uma cooperativa francesa, que chegou ao Brasil em 2000, quando 70% dos canaviais eram próprios. Hoje, multiplicamos a cana em sete vezes e 70% da produção vem de agricultores. Um exemplo de políticas públicas ocorreu na década de 90, quando a Guarani recebeu recursos públicos para plantar cana em várzea. Drenamos a várzea e plantamos cana, com recursos vindos de um programa chamado Pró-Várzea. Quinze anos depois, tivemos que recompor. Então, como é que fica o agricultor no planejamento da sua propriedade de longo prazo? A agricultura não pode ter uma visão de curto prazo, precisa ter políticas sustentáveis para ser sustentável.



Paulo Guilherme Cabral
Secretário de Extrativismo e Desenvolvimento Rural Sustentável do Ministério do Meio Ambiente

Cabe ao governo dialogar com todos os setores, sem preconceito. A origem do conceito da reserva legal (RL) é de uma área para exploração madeireira, e isso foi sendo deturpado, de que RL não podia ser mexida, e faltou regulamentar isso dentro do normativo brasileiro. É possível conciliar as duas coisas: extrativismo e manejo florestal sustentável dentro da área de RL. Isso já vem ocorrendo na Amazônia. Estamos vendo isso, organizado pelo próprio setor da agroindústria, com a Moratória da Soja e com o setor de carnes.



Roberto Rodrigues
Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV-GVAgro
Coordenador

Há um sentimento muito difuso de que a discussão do Código Florestal foi mal feita. Mas, seja como for, teremos um Código Florestal, que é um pedaço da política de desenvolvimento sustentável do País. Não chegou a hora de o Brasil desenvolver um Código Agroambiental, com estratégia para os temas de renda, logística e floresta?



Homero Pereira
Deputado federal e presidente da Frente Parlamentar da Agropecuária
Debatedor

Em outros Países o produtor tem subsídio para permanecer no campo. Aqui só pedimos condições para continuar trabalhando. Surfamos nos indicadores oferecidos pelo agronegócio ao País. No entanto, no Congresso, milhares de projetos atacam o setor produtivo e o direito de propriedade, que causam inseguranças trabalhistas, ambiental e tributárias. Existe um preconceito contra a agricultura comercial no Brasil. É proibido ser grande. Mesmo que, sendo pequeno em determinadas produções, não se consegue ser competitivo.



Mais de 70 jornalistas participam do Congresso no dia 6 de agosto

Cobertura de imprensa

A cobertura jornalística do 11º CBA foi intensa. O encontro da diretoria da Abag com a imprensa, realizado durante o evento, contou com a presença 74 profissionais, sendo 20 jornalistas de oito estados brasileiros. Isso gerou mais de 200 notícias em jornais, portais, sites, revistas e TVs. A exposição por meio de rádios obteve excelentes resultados. 314 Rádios, distribuídas em 299 municípios do País, fizeram 458 divulgações de notícias sobre o congresso em suas programações.

No dia seguinte ao evento, 27 jornalistas participaram do Fórum de Comunicação. Trata-se de parceria entre Abag, Andef



Jornalistas no Fórum de Comunicação no dia 7 de agosto

(Associação Nacional de Defesa Vegetal), CIB (Conselho de Informação sobre Biotecnologia), inpEV (Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias) e Sindag (Sindicato Nacional da Indústria para a Defesa Agrícola), dentre os temas apresentados estão: SustainAgro, gestão da tecnologia, inovação, riscos de defensivos ilegais, biotecnologia agrícola e sistema campo limpo.

Para editor do Jornal Correio do Estado de Campo Grande (MS), Maurício Hugo, participar do Congresso e dos eventos paralelos proporciona aos jornalistas a possibilidade de contatos com importantes representantes do agronegócio brasileiro. “O Congresso da Abag possibilita a proximidade com fontes que representam o termômetro do momento da agropecuária brasileira e mundial. Sem contar que, nesses dias, recebemos muitas informações, e podemos processá-las e repercuti-las amplamente”, diz Hugo.

A repórter Denise Saueressig, das revistas A Granja e AG de Porto Alegre (RS) também compartilha a opinião de que o Congresso da Abag é uma oportunidade de aprofundar temas essenciais para a construção de boas matérias e atualizar informações importantes sobre a realidade do setor. “O Congresso é fundamental também para os produtores e as lideranças debaterem as possibilidades e desafios do agronegócio brasileiro. O workshop voltado à imprensa permite maior aproximação com as fontes e conhecimento sobre os trabalhos realizados pelas associações e entidades representativas do setor”, declara a jornalista.



Vários momentos dos participantes do 11º CBA

O poder das mídias sociais

Cerca de 10 mil pessoas acompanharam o 11º CBA pela internet

A Abag em parceria com a empresa Safras & Mercado, transmitiu o Congresso, pelo terceiro ano consecutivo, ao vivo pela internet. Nessa edição, o CBA teve uma página em inglês, com tradução simultânea para facilitar a participação de pessoas de outros Países. Cerca de 10 mil pessoas acompanharam o evento pela web, seja assistindo a transmissão ou pelas mídias sociais (Facebook e Twitter).

A mobilização por meio das redes sociais foi o grande destaque nesse ano. “Em dois meses de trabalho, sete dias por semana, somamos 5956 usuários que “curtiram” a fanpage da Abag no Facebook. Houve um aumento de cerca de 500 pessoas nesse período. A média, de 8,3 novos usuários por dia, é um número grandioso para este sistema, sendo o Agro um segmento com público específico dentro desta mídia”, explica Francisco Klein Silva, da empresa Designtop.

Conseguir novos seguidores atualmente é um desafio e requer estratégia. Foram mais 255 notícias publicadas e 166 imagens postadas no período de dois meses. A Abag também promoveu sorteios de cinco mochilas e de uma inscrição para o Congresso, com todas as despesas pagas.

A ganhadora do sorteio da inscrição foi Marcella Macedo,



Marcella Macedo e Francisco Klein Silva

estudante do 6º período do curso de Ciência e Tecnologia de Laticínios da Universidade Federal de Viçosa. “O Congresso foi excelente. Apesar de ainda ser estudante, a linguagem das palestras foi clara e atual, além de sensibilizar a todos com a merecida homenagem a dois grandes nomes atuantes do setor (Herbert Bartz e José Goldemberg). Parabéns aos organizadores e que continuem contribuindo para o desenvolvimento do nosso País”, declarou Marcella.

Homenagens



(esq.p/dir.) Antonio Roque Dechen; Herbert Bartz; Caio Carvalho; Fernando Penteado Cardoso e Pedro Arraes

O 11º CBA homenageou duas personalidades de destaque para agronegócio. Um dos homenageados foi o produtor rural, Herbert Bartz, pioneiro na adoção do sistema de plantio direto na palha no País. Ele recebeu o prêmio “Norman Borlaug”.

“O grande milagre realmente é que o conceito do plantio direto, aqui no Brasil, se desenvolveu, apesar de não ter apoio da política. O ex-presidente Lula mencionou, em 2008, que no seu governo, o Brasil alcançou 30 milhões de hectares. É um fato. A minha esperança, como agricultor, que algum dia, a ética do plantio direto de respeitar a natureza e aceitar os mandamentos que ela exige, em termos de moral, consigam contaminar o mundo político”, declarou Bartz.



(esq.p/dir.) Roberto Rodrigues; Caio Carvalho; José Goldemberg; Mônica Bergamaschi e Urbano Campos Ribeiral

Outro homenageado foi o ex-ministro da Educação e ex-secretário de Meio Ambiente, José Goldemberg. O professor Goldemberg recebeu o prêmio Personalidade do Agronegócio. Prêmio que este ano passou a se chamar “Ney Bittencourt de Araújo”. Com isso, a Abag reverencia a memória do seu fundador e uma das mais destacadas lideranças da história do agronegócio brasileiro. “Eu fico muito honrado com o prêmio concedido pela Abag e, sobretudo, por ser reconhecido por uma área que não é exatamente a área em que a minha formação profissional ocorreu”, disse o Prof. Goldemberg.

AGENDA FÓRUNS

21.set - Fórum Abag/Coopercitrus – ILPF – Bebedouro/SP
10.out - Fórum Abag/ESALQ – Piracicaba/SP
18.out - Fórum Abag/Cooxupé – Café e Saúde - Guaxupé/MG
19.out - Fórum Abag/Andef/FAO - SP



EXPEDIENTE

Publicação oficial da Associação Brasileira do Agronegócio - ABAG. Presidente: Luiz Carlos Corrêa Carvalho. Vice-presidente: Francisco Matturro. Diretores: Alexandre Enrico Silva Figliolino, André Souto Maior Pessoa, César Borges de Sousa, Christian Lohbauer, Eduardo Daher, Glauber Silveira da Silva, Ingo Plöger, Luiz Lourenço, Marcello Brito, Mario Fioretti, Urbano C. Ribeiral e Weber Porto. Diretor Executivo: Eduardo Soares de Camargo. Diretor Técnico: Luiz A. Pinazza. Jornalista Responsável: Gislaine Balbinot, MTBo65/MS. Fotos: Gerardo Lazzari Projeto Gráfico: Mister White. Impressão Gráfica: Margraf. Tiragem: 1.600 exemplares.

CONTATO ABAG: Av. Paulista 1754 - cj 147
São Paulo/SP - 01310-200 - Fone/Fax (11) 3285-3100
E-mail: abag@abag.com.br - Site: www.abag.com.br
twitter: @abag_brasil - Facebook: ABAGBRASIL

11º Congresso Brasileiro do Agronegócio



Brasil Alimentos e Energias Seguranças Globais

Com o tema "Brasil: Alimentos e Energias - Seguranças Globais", a Abag encerra a 11ª edição do CBA com grande sucesso. O evento promoveu debates sobre o papel e a oportunidade do Brasil assumir fundamental liderança nos campos da oferta de alimentos e de energia renovável. Uma proposta para atender de forma sustentada a crescente demanda do século XXI.

Diante da repercussão do evento, agradecemos, mais uma vez, a participação de ilustres personalidades e a confiança depositada pelos patrocinadores. Para o próximo ano, quando comemora seu 20º aniversário, a Abag espera ratificar esse crédito com o 12º CBA.

Patrocínio



Apoio

